

HISTÓRIA & VIOLÊNCIA DE GÊNERO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES REPRESENTADA EM CANÇÕES

Keliene Christina da Silva ¹

RESUMO

A violência contra as mulheres é um grave problema na nossa sociedade. Desde as formas visíveis até as não visíveis, as mulheres estão expostas a diferentes tipos de violência. Produções cinematográficas, canções, telenovelas, peças publicitárias e outras produções midiáticas carregam as marcas do seu tempo, e trazem em si os reflexos do machismo em suas diferentes manifestações de cada época. A música, como manifestação artística, tem o poder de nos transportar no tempo, através de acordes e notas musicais, marcando um coletivo ou indivíduo com a experiência de um dado período. Portanto, como fruto do seu tempo, a música também carrega as marcas do seu momento e representa as formas de se relacionar entre os indivíduos. O presente trabalho consiste em um relato de experiência didática na aula de História fazendo uso do gênero textual canção. Procuramos apresentar as possibilidades didáticas de abordagem do tema violências contra as mulheres através dos tempos observando os diferentes tipos de opressão às mulheres em três canções de épocas distintas, *Se te pego com outro te mato* (1972), *Entre tapas e beijos* (1989) e *Ciumento eu* (2017), analisando como o "eu lírico" masculino presente nas canções escolhidas apresenta formas diferentes de violência contra as mulheres, estabelecendo uma correspondência com o contexto histórico de sua produção e o surgimento de aparatos de proteção às mulheres correspondentes aquele período.

Palavras-chave: Música, Violência de Gênero, Ensino de História.

INTRODUÇÃO

O ensino de história deve acompanhar o tempo e buscar extrair do cotidiano as marcas das permanências e os indícios das rupturas. Engana-se quem insiste em pensar que a história está apenas nos livros, pensamento há muito ultrapassado, mas que no conservadorismo enraizado na nossa sociedade, apesar dos esforços contrários, o ensino de história como algo restrito ao passado infelizmente ainda se apresenta em muitas salas de aula.

Pensar caminhos que possibilitem o estabelecimento de relações com o presente, mostrando que a história não está morta, não deveriam ser vistos como novidade, pois os Annales já abriram espaço nesse sentido. Porém, observamos um destaque para trabalhos assim, que destoam do lugar comum e usual onde o ensino de história foi deixado: o do

¹ Licenciada (2005) e Mestra (2011) em História pela UFPB. Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (2022) pelo IFPB, Professora de História da rede municipal de João Pessoa SEDEC/PMJP, Coordenadora de área do componente curricular história na Divisão de Anos Finais da DEGEF/SEDEC/PMJP, kelienechristina@gmail.com

conteúdo, dos exercícios de fixação e de verificação de aprendizagem. Tudo o que se destaca é porque vai contra uma realidade predominante. Sim, isto é uma provocação!

O presente trabalho procura, através do relato de uma vivência em sala de aula, apontar caminhos para uma abordagem do ensino de história partindo das questões do presente, observando as marcas do passado nos registros das produções culturais, no caso do nosso estudo, a música. Se na trilha de Bloch (2001) o historiador é um farejador das ações humanas, nos propomos enquanto profissionais do ensino a “atiçar esse faro apurado” nos nossos alunos e alunas. Se toda produção humana dialoga com seu tempo, observemos essa conversa e analisemos o que ela tem a nos dizer.

MÚSICA, HISTÓRIA E VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

As manifestações artísticas fazem parte da experiência humana desde os tempos mais remotos. Pinturas e registros pré-históricos permitiram registrar evidências nos espaços, uma forma dos seres humanos daquela época vencerem de certa forma sua brevidade e finitude, garantindo uma marca da sua passagem sobre a Terra.

Além de um registro da passagem humana no espaço, as manifestações artísticas também expressam sentimentos e sensações, individuais ou coletivas, referentes a um dado período histórico. Dentre as expressões artísticas, podemos afirmar que a música tem uma capacidade de abrangência muito grande dada sua possibilidade de veiculação, afinal o rádio ainda é um veículo de comunicação muito popular. A música também tem a capacidade de atravessar gerações, influenciando pessoas em diferentes momentos e de variadas formas.

Napolitano levanta a afirmação de que uma boa ideia pode gerar uma boa canção. “Mas além de ser veículo para uma boa ideia, a canção (e a música popular como um todo) também ajuda a pensar a sociedade e a história” (NAPOLITANO, 2002, p. 11). Existem estudos e práticas de uso da música na sala de aula nas mais diversas abordagens, desde um tema gerador da aula a exemplo de um dado momento histórico. No nosso trabalho escolhemos como foco de análise as representações das violências contra as mulheres presentes em canções de três diferentes momentos, tema alarmante e que urge debates voltados para o combate a essa prática.

A primeira delegacia das mulheres foi criada no ano de 1985, até essa data as queixas de violência doméstica eram registradas em delegacias comuns, que não davam a atenção devida ao caso e tratavam as denúncias como mera desavença entre casal. Foi um longo percurso trilhado desde a criação da primeira delegacia especializada até a promulgação da

conhecida “Lei Maria da Penha”, um marco na luta contra a violência doméstica. Avançamos, não o suficiente, mas todo avanço deve ser celebrado, lembrado e usado como referência para ser ampliado.

Tendo como fio condutor os avanços nos mecanismos de proteção às mulheres ao longo dos anos, buscamos estabelecer uma relação entre as produções culturais e contexto histórico fundamentada no pressuposto da intencionalidade presente nas representações construídas socialmente (CHARTIER, 1990, p. 17). Logo, em escala crescente e progressiva, buscamos analisar as letras das canções *Se te agarro com outro te mato* (1972), *Entre tapas e beijos* (1989), e *Ciumento eu* (2017) estabelecendo uma vinculação da mensagem das músicas ao contexto de sua produção no tocante à perpetuação da violência de gênero se manifestando de acordo com as condições da época.

RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO

A escola é um espaço vivo, um ambiente de múltiplas experiências, que há muito tempo deixou de ser vista apenas como transmissora/reprodutora de conteúdos. Influenciada pelo contexto em que está inserida, ao mesmo tempo que atua reciprocamente sobre a sociedade, a escola precisa atualmente estar vinculada a uma formação cidadã. Como local de reflexão e disseminação dos saberes, de formação de seres críticos e cidadãos ativos, a escola não pode se furtar à reflexão de temas que se apresentam mais intensamente na sociedade. Logo, entre tantos outros temas, despontam as questões de gênero, que apresentam a necessidade de discussões mais intensas sobre elas, especialmente no ambiente escolar. Necessidade esta, advinda de “de inúmeras demandas, além da determinação governamental” (FURLANI, 2012, p. 66)

Compondo um dos temas transversais, as questões de gênero estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo os mesmos: “O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar” (PCNs, 1998, p. 305).

As relações de gênero são apresentadas nos PCN’s como um dos três eixos possíveis do tema Orientação Sexual, os outros dois eixos são: “corpo: matriz da sexualidade” e “prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, Aids”. Segundo Furlani (2012), a inclusão de temas como a sexualidade deu-se no contexto dos anos 1990, quando a educação direciona suas intenções para transformar a criança em um “sujeito de direito”, portanto, coube à escola

“proporcionar não apenas o ‘desenvolvimento para a vivência de uma cidadania plena’, mas a minimização da exclusão social” (FURLANI, 2012, p. 67)

Apoiadas nos pressupostos de Foucault e Derrida, autoras como Guacira Lopes Louro (2012) (1997), Dagmar Esterman Meyer (2012), Joan Scott (1995), Silvana Vilodre Goellner (2012) e Jimena Furlani (2012), trabalham com a ideia de que a linguagem se constitui como um forte marcador nas questões de gênero. Partindo dessa proposta, o presente estudo analisa as compreensões acerca da abordagem da temática relações gênero e suas aplicabilidades à prática pedagógica através do uso da música nas aulas de História, partindo de uma experiência de aula ministrada em turmas dos anos finais do ensino fundamental e tendo como foco o eixo violência contra as mulheres através das letras das canções. A pergunta norteadora para a elaboração da aula foi: quais formas de violências contra as mulheres são apresentadas e legitimadas através das canções em diferentes temporalidades?

As autoras citadas tem pesquisas ligadas aos Estudos Culturais, portanto, partindo da premissa “Desestabilizar verdades preconcebidas e romper com os essencialismos são algumas das contribuições do campo teórico dos Estudos Culturais” (GOELLNER, p.32), trabalhamos as relações de gênero a partir de uma reflexão sobre a linguagem e o lugar social e cultural sobre o qual se constroem os gêneros e as relações de poder implicadas nisso. Aos homens, enquanto sujeitos de querer e poder (CERTEAU, 2014, p. 93) sempre lhes foi garantido o direito de fala e ação, sendo tais, por mais absurdas que fossem, legitimadas e endossadas pela sociedade machista e patriarcal.

No desenvolvimento da vivência pedagógica foram analisadas três canções, uma da década de 1970, quando não havia qualquer aparato de combate à violência contra as mulheres, uma do final da década de 1980, quando começavam a aparecer as primeiras delegacias especializadas, e uma do ano 2017, realidade vivenciada após a Lei Maria da Penha, procurando evidenciar as marcas históricas no discurso apresentados nas canções e como as violências contra as mulheres se perpetuam através delas se adequando ao contexto.

SOLTANDO O SOM

A vivência aqui apresentada foi desenvolvida nas turmas de oitavo e nono ano do ensino fundamental, especificamente no mês de março, tomando como referência para o debate o mês de reflexão sobre os direitos das mulheres, em alusão à data do oito de março, dia internacional das mulheres.

Segundo Orlandi: “Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos” (2001, p. 38). Palavras estas que não se encerram em si como um conteúdo dentro de um envoltório protetor, mas fluem no tecido social em conexão com vários outros aspectos. As reflexões foram elaboradas a partir da exposição de três músicas: *Se te agarro com outro te mato* (1972), *Entre tapas e beijos* (1989), e *Ciumento eu* (2017). Elas foram apresentadas e analisadas de forma progressiva, buscando estabelecer relações entre e mudança no discurso violento à ampliação dos mecanismos de proteção contra a violência de gênero. A primeira música apresentada foi *Se te agarro com outro te mato*:

Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Dizem que sou violento
 Mas a rocha dura se destrói com o vento
 Dizem que é tempo perdido
 Mas é só inveja porque estás comigo
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Dizem que eu estou errado
 Mas quem fala isso é quem nunca amou
 Posso até ser ciumento
 Mas ninguém esquece tudo o que passou
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Dizem que eu passei da idade
 Mas em ti encontro a minha mocidade
 Dizem que sou muito antigo
 Mas tudo o que eu quero é ficar contigo
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Fico até aborrecido
 Quando telefona para os teus amigos
 Quando você não está perto
 Tudo em minha volta fica tão deserto
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo
 Se te agarro com outro te mato
 Te mando algumas flores e depois escapo

A canção já expressa uma violência grande desde o título, que também é o refrão da música, pois é a declaração expressa de um feminicídio. Tal canção alcançou grande sucesso na década de 1970, época em que não haviam aparatos de defesa para as mulheres, visto que,

como já mencionado, a primeira delegacia da mulher só foi criada em 1985. Não havia nenhum mecanismo específico que garantisse a proteção das mulheres em caso de violência entre o casal. Muitos casos eram tratados como fato comum, não era dada a importância que merecia. Logo, a canção acaba por revelar a certeza da impunidade em uma violência praticada contra a mulher, pois sabia-se que não existiam dispositivos legais que protegessem a mulher dessa violência. Portanto, a música apresenta expressa uma violência física mais explícita e em seu alto grau, que é o assassinato de uma mulher. Além disso, a música também revela abusos psicológicos e a ideia de que a mulher pertence ao homem. A canção revela um pensamento da época de que não haveria punição em caso de agressão contra a companheira, e por isso a voz masculina se sente à vontade para fazer essa ameaça escancarada.

A segunda canção que exploramos foi *Entre tapas e beijos*:

Perguntaram pra mim
Se ainda gosto dela
Respondi, tenho ódio
E morro de amor por ela
Hoje estamos juntinhos
Amanhã nem te vejo
Separando e voltando
A gente segue andando entre tapas e beijos
Eu sou dela, e ela é minha
E sempre queremos mais
Se me manda ir embora
Eu saio pra fora ela chama pra trás
Entre tapas e beijos
É ódio é desejo
É sonho é ternura
O casal que se ama
Até mesmo na cama
Provoca loucuras
E assim vou vivendo
Sofrendo e querendo
Esse amor doentio
Mas se falta pra ela
Meu mundo sem ela
Também é vazio

Essa música alcançou sucesso nas paradas de todas as rádios no final da década de 1980 e início da década de 1990, período em que já haviam criado a primeira delegacia da mulher, ou seja, já havia um local especializado em crimes contra as mulheres, porém, ainda muito incipiente, sem todo o aparato que existe atualmente. Contudo, foi um avanço na luta pelos direitos das mulheres. Assim, através desse contexto podemos perceber que o foco da violência muda, deixa de ser uma ameaça explícita de assassinato e passa a ser uma

romantização da violência física entre o casal, uma banalização da agressão física, como se fosse normal. Recorrendo a um ditado antigo, e equivocado, de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, os compositores pegam esse mote e trabalham na música uma naturalização dessa relação violenta. Assim, percebemos que embora não se fale explicitamente de assassinato, como mostrado na primeira canção, ainda continua o discurso sobre violência e naturalização da mesma.

Após a apresentação dessas canções, propusemos um salto temporal para uma canção contemporânea aos estudantes, sem perder de vista a relação com as demais. Assim, realizamos a execução da música *Ciumento eu*:

Ciúme não
Excesso de cuidado
Repara não
Se eu não saio do seu lado
Tem uma câmera no canto do seu quarto
Um gravador de som dentro do carro
E não me leve a mal
Se eu destravar seu celular com sua digital
Eu não sei dividir o doce
Ninguém entende o meu descontrole
Eu sou assim não é de hoje
É tudo por amor
E tá pra nascer
Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu
Ciumento eu
E o que é que eu vou fazer
Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?
Ciumento eu
E tá pra nascer
Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu
Ciumento eu
E o que é que eu vou fazer
Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?
Ciumento eu
Melhor falar baixinho, senão vão te roubar de mim!

Observando a canção apresentada, verificamos uma banalização de uma violência psicológica, um outro tipo de violência contra a mulher. A música foi composta após a criação dos Juizados Criminais Especiais, em 1995, que serviram de suporte às delegacias das mulheres, assim como após a promulgação da Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, no ano de 2006, que regulamenta e tipifica os casos de violência contra as mulheres, aplicando as respectivas punições. Assim, se observamos uma mudança entre a primeira e a segunda canção, que passa da banalização do assassinato para a naturalização da violência

física, na terceira canção vemos uma romantização da violência psicológica, apresentada como se fosse amor, uma vez que a letra afirma que o ciúme é um excesso de cuidado. A música apresenta uma relação abusiva, pois enxerga a mulher como objeto, a voz masculina exerce um controle dos passos da companheira, ao passo que se esconde sob o manto do homem apaixonado, zeloso e cuidadoso.

Esse passeio pelas canções propiciou um momento de muitas reflexões e trocas com os alunos e alunas, estabelecendo relações entre passado e presente e contribuindo para uma visão da história como algo em fluxo de idas e vindas. Por se tratar de uma proposta de condução de aula e abordagem de temas, com foco em fomentar o diálogo ao longo do processo, não foi aplicado exercício de verificação de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração da aula que resultou no presente relato foi pensada numa perspectiva da arte como expressão de discursos, e compreendendo a música como representação do contexto em que foi produzida, assim como percebendo as formas de violências de gênero refletidas nas canções e as modificações dessas expressões ao longo do tempo.

Assim, percebemos que, além de representar contextos e possibilitar explorar suas marcas nas produções artísticas, o uso da música em sala de aula possibilita apresentar aos alunos e alunas outras produções artísticas que não estão no seu horizonte de alcance, especialmente as mais antigas, e assim contribuir para que eles estabeleçam relações entre passado e presente observando as rupturas e permanências através das letras das canções.

Além disso, nosso trabalho buscou seguir no caminho das práticas de ensino que vislumbram a história como algo presente em todos os espaços, e que tudo está “impregnado” dela, basta apurar o olhar e observar.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Orientação Sexual. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o excêntrico. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann; Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.